



Relatos de Viagem: Uma busca à compreensão dos Roteiros Turísticos¹

Rebecca CISNE²

Susana GASTAL³

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

RESUMO

O hábito de viajar para ter sido acompanhado, desde os primórdios, pelo hábito de relatar os havidos e acontecidos durante as mesmas. A forma oral dos relatos foi seguida da forma escrita, em cadernos, jornais e livros. Depois, a fotografia, ou seja, o relato visual, veio agregar-se à rotina dos viajantes. No momento contemporâneo, diferentes formas de registros utilizam a internet e outras ferramentas tecnológicas, para continuar desempenham o importante papel de registrar os percursos dos viajantes. O presente artigo apresenta uma revisão bibliográfica sobre o histórico dos relatos de viagem para, a seguir, realizar breve estudo exploratórios na sua utilização *on line*.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Turística; Turismo; Relatos de Viagem; Roteiros Turísticos; Blogs.

1 INTRODUÇÃO

Como a delimitação conceito de Roteiro Turístico não é clara na literatura especializada, no presente artigo busca-se aprofundar sua discussão, ao mesmo em que trás ao debate a questão dos relatos de viagem, que dos cadernos cuidadosamente anotadas pelos viajantes, evoluíram para os blogs tão presentes na rede de computadores.

Escrever sobre uma viagem realizada tornou-se um hábito de muitos viajantes que, independente do motivo, sentiam-se tentados ou obrigados a relatar sua experiência sob a motivação de contá-las por meio de livros, ensaios, guias ou crônicas, deixando assim, testemunhos escritos de seus deslocamentos. Hoje, na era das Tecnologias da Informação, essas experiências, que eventualmente alimentam imaginários sobre os lugares narrados, podem ser construídas através das informações jornalísticas ou até mesmo pelos blogs – verdadeiros diários eletrônicos de viagem –, em que os *blogueiros* narram não só suas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Turismo e Hospitalidade do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Turismo pela Universidade de Caxias do SUL (UCS); Especialista em Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira – Inglês pela UCS; Bacharel em Turismo com ênfase em Ecoturismo pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia – Iesam. <rebeccacisne@gmail.com>.

³ Doutor. Professor, pesquisador e orientado do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul/RS



experiências nos locais visitados, como dão dicas de viagem, hospedagem, atrativos, mas também informam onde não se hospedar, o que não visitar⁴, assumindo a contramão dos guias e relatos de viagem tradicionais, em geral laudatórios.

Embora a discussão sobre a natureza literária dos Relatos e Guias de Turismo não seja o ponto de análise desta proposta, esse item é importante para levar ao questionamento sobre a diferença existente entre os Relatos/Guias de Viagem e Roteiro Turístico. Parte-se do pressuposto que é possível perceber a relação dialógica entre a concepção de ambos inferindo-se que o Roteiro Turístico seria o estado anterior ao relato, ou seja, a materialização do Roteiro Turístico estaria no relato. Ainda seguindo esse raciocínio, coloca-se o relato de viagem como uma roteirização *a posteriori*.

2 OS RELATOS DE VIAGEM AO LONGO DO TEMPO

Segundo Jané (2002), a condição humana, errante por natureza, tem a necessidade de investigar e aprender mais por meio de suas viagens, além de, já nas suas origens pré-históricas, contar e alimentar a curiosidade dos membros de sua tribo através do relato do experimentado. Esses relatos podem ir da forma mais primitiva, na forma oral, como serem apresentados, na sociedade contemporânea, por meio de vídeos e fotos utilizados pelos turistas pós-modernos. Considerando que o ato de relatar uma viagem de forma oral, escrita ou mesmo fotográfica, é algo natural à própria viagem, o autor afirma que *“todo viajero tiene algo de informador. A lo largo de la historia se aprecia que muchos viajes – la mayoría – se realizaron por la necesidad de ver qué hay más allá. Los que fueron, cumplieron con su cometido de contar, de ‘informar’ – aunque fuera verbalmente – sobre lo que vieron”* (JANÉ, 2002, p. 41).

Aceitando, portanto, a estreita relação entre viajar e relatar o que foi visto durante a viagem, se pode considerar que os relatos de viagem caminharam paralelamente à história das explorações e descobrimentos. A narrativa histórica acerca das viagens é marcada por alguns personagens que ganharam destaque principalmente pelos relatos de seus deslocamentos, como seria o caso de Heródoto, considerado por Yasoshima e Oliveira (2002) como o

⁴ Como, por exemplo, é feito no blog “Publicitária e Viajante” <<http://publicitariaeviajante.blogspot.com>>, nas postagens “onde NÃO se hospedar no Rio de Janeiro” (publicado em 26 de março de 2010) <<http://publicitariaeviajante.blogspot.com/2010/03/onde-nao-se-hospedar-no-rio-de-janeiro.html>> e “Onde ir e onde não ir em San Sebastian” (postado em 4 de maio de 2010) <<http://publicitariaeviajante.blogspot.com/2010/05/onde-ir-e-onde-nao-ir-em-san-sebastian.html>>



primeiro “turista”. Boyer (2003), no entanto, aponta para Rousseau como primeiro turista que, enquanto romancista, relatava as viagens em seus escritos.

Contudo, para Jané (2002), não se sabia quem teria inventado os diários de viagens, mas, citando Litvak, o autor assinala que o costume de registrar o cotidiano das viagens é antigo e que muitos viajantes alimentavam seus próprios diários, relatando ali experiências de viagem. Muitos deles foram publicados na forma de livros, como é o caso da obra *Italian Journey*, que descreve a viagem de Goethe à Itália entre os anos de 1786 e 1788 e *The innocents abroad*, de Mark Twain, o qual descreve um cruzeiro oceânico realizado em 1867 e concebido especialmente para turistas. Ao final da Idade Média publicaram-se várias crônicas de viagens, dentre as quais se destaca as de Marco Pólo. Mas, já na Antiguidade, os fenícios ganham destaque por seus périplos, diários de bordo que, posteriormente teriam servido de fonte e exemplo aos roteiros medievais e aos portulanos ibéricos e italianos (BARBOSA, 2002).

O povo árabe, dentre os quais se destacam os muçulmanos, também merece destaque no contexto de relatos de viagem. Em poucos séculos, esses povos se estenderam da Arábia a áreas mais remotas do Mediterrâneo, o que teria possibilitado acesso à informação contida em narrativas de viagens. Jané (2002) destaca alguns desses árabes viajantes, que escreveram sobre suas viagens: Suleiman, mercador do século IX, as registrou em textos como “Caderno de Histórias” e “Informações sobre a Índia e sobre a China”. Nesse período, os relatos, novamente, apareciam vinculados à necessidade de informação e, no caso dos árabes, vinculados à necessidade de informação dos próprios califados. Para melhor delinear o contexto dos árabes no que se refere aos relatos de viagem, Jané (2002) recorre a Tovar, especialista em história medieval, para quem, os relatos árabes (*rihla*) são “extraordinariamente parecido, tanto por el contenido como por la forma de organizalo, a los libros de viaje escritos por los viajeros occidentales”. (JANÉ, 2002, p. 53).

Esse especialista divide a literatura geográfica árabe em três etapas históricas distintas. A primeira etapa teria se desenvolvido no século IX e princípios do século X, quando os relatos eram RESUMOS E INFORMES PARA USO DAS CLASSES DIRIGENTES E A ADMINISTRAÇÃO CALIFAL. Quando ao conteúdo, reuniam conhecimentos históricos, etnográficos, costumes, dentre outros, de povos que seriam conquistados ou sobre os quais convinham manter relações diplomáticas e seriam posteriormente recorridos pelos correios. A segunda etapa teria se desenvolvido entre meados do século X até o século XII, quando os textos da época anterior iam sendo substituídos por outros qualificados como ITINERÁRIOS e ESTADOS, mais eruditos e com tendência a fazer divulgação científica. Jané (2002) destaca



que, nessa época, a figura de Al-Idrisi, *viajero*, filósofo e geógrafo, autor do livro “*Las recreaciones del que aspira a recorrer el mundo*”, figurando como um misto de guia e uma cosmografia descritiva.

Por fim, na última etapa, a partir do século XII, os livros relacionados com viagens se especializaram em quatro tipos distintos: (1) DICIONÁRIOS GEOGRÁFICOS; (2) COSMOGRAFIAS E GEOGRAFIAS UNIVERSAIS; (3) ENCICLOPÉDIAS; e, por fim, (4) as *RIHLAS*, ou seja, relatos de viagem. Para o melhor entendimento deste último Jané (2002) apóia-se em Fanjul e Arbós, que explicam que as *rihlas*⁵ são livros de viagem que pretendem ser úteis e informar, da forma mais detalhada possível, sobre o que foi visto e vivido, dando ao leitor a chance de seduzir-se com o que está sendo narrado e descrito, alimentando, portanto, imaginários sobre locais e culturas.. O objeto desses relatos árabes é diversificando dependendo de sua intenção:

(...) los temas que afloran a sus páginas nos llevan de los datos históricos e instituciones sociales de la cultura en general, con su trasfondo etnográfico e folklórico y su entramado económico, hasta las observaciones geográficas, urbanas o no, acotadas permanentemente por las más variadas menciones sobre cultivos, botánica e zoología. (JANÉ, 2002, p. 54).

Dessa forma, traziam-se informações detalhadas ao leitor com descrição de paisagens, ambientes, pessoas, cultura, costumes, dentre outros, pode-se dizer que, com o desejo de ser útil a outros “viajeros-leitores”, esses relatos já serviriam como guia, contribuindo também para a criação do imaginário sobre o lugar descrito, criando desejos de viagens. Durante a Idade Média, porém, as viagens foram retraídas, o que fez com que os relatos também retornassem ao plano da transmissão oral e, com o sistema de comunicação deficitário, com a necessidade latente de as pessoas transmitirem notícias, histórias e outros relatos, a tarefa de informar estava novamente vinculada aos *viajeros*, aventureiros, andarilhos que iam de um lugar para o outro e figuraram como os novos informantes até que a palavra escrita retornasse ao plano principal (JANÉ, 2002).

O espírito errante do homem medieval é latente e, nem as “incomodidades de los viajes ni el desconocimiento geográfico inicial amedrentaran el espíritu aventurero de los peregrinos, misioneros e mercadores”. (JANÉ, 2002, p. 55). Isso demonstra que a Idade Média não foi um período fechado às viagens, ainda que o deslocamento tenha se retraído. No

⁵ Jané (2002) destaca a figura de Ibn Battuta, nascido em 1304, quem, aos 21 anos saiu do Marrocos para fazer a peregrinação à Meca e encantou-se pela arte de viajar, estendendo sua viagem em um período de 14 anos, visitando o Norte de África, o extremo Oriente, atravessando o continente asiático até a China. Seu périplo resultou na obra intitulada “Através do Islam”.



que se refere às viagens e relatos de viagem, esse período, tem entre “la Europa de los godos – nada propicia para la existencia de informadores de viajes – iba sentando las bases de una nueva sociedad, dos civilizaciones viajeras muy distintas entre sí aflorarían dejando relatos testimonios de sus expediciones”. (JANÉ, 2002, p. 49).

Jané (2002) aponta para o surgimento de várias lendas a partir de especulações sobre as expedições dos povos nórdicos, vistos como *bárbaros*, baseadas em relatos orais. Haveria entre esses povos uma forte tradição oral de transmissão pelos narradores informantes, cujos relatos (sagas⁶) narravam feitos épicos. Teriam surgido, segundo o autor, na Islândia, e sido transmitidos oralmente, sem que qualquer relato escrito fosse feito até duzentos anos depois. Dentro desse cenário, então, vale ressaltar, conforme o faz Jané (2002), que, juntamente aos relatos mais fieis à realidade e documentados, estariam os de ficção, que se deram, em geral, na cultura grega, como frutos da investigação e da especulação geográfica. É importante considerar que esses relatos (das expedições dos povos nórdicos) foram redigidos após os acontecimentos. Inclusive no período em que eram transmitidos oralmente, eram contados como feitos ou histórias do passado. Dessa forma, os narradores eram “contadores de conto”, mas também “contadores de histórias” que relatavam acontecimentos aos seus contemporâneos, que iam do passado distante ao presente imediato (JANÉ, 2002).

No Renascimento, a difusão das novidades sobre as viagens foram possíveis graças a imprensa. Um dos primeiros e mais emblemáticos textos impressos foi, segundo aponta Jané (2002), a carta de Colombo, onde estavam os acontecidos de sua primeira viagem. Esse seria o princípio de uma grande série de relatos, que se apresentariam como textos jornalísticos e, quando, posteriormente compilados, converteram-se em livros.

Com o Romantismo, no século XIX, os deslocamentos começam a tomar um novo ímpeto. Deixaram ser motivadas pelo interesse de exploração, de reconhecimento para posse do território, e passaram a ser motivados pelo prazer do deslocamento, o deslocamento como lazer, como fuga do cotidiano, pelo exótico. Assim como nas épocas anteriores, esses *viajeros* levavam consigo diários, e suas narrativas foram publicadas como livros, folhetos ou correspondências curtas (JANÉ, 2002). Nesse sentido, o autor reitera que desde os fins do século XVIII até a primeira metade do século XIX produziu-se na Europa uma série de circunstâncias que reforçaram a publicação de textos de viagem na imprensa. A exemplo

⁶ Para o entendimento da palavra Saga, Jané (2002) recorre a Prampolini que explica que “Saga significa propriamente ‘historia’, en las dos acepciones que se suele dar a la palabra: registro objetivo y metódico de los hechos (inglés *history*); relato a menudo inventado y por lo general agradable (inglés *story*)” (JANÉ, 2002, p. 50)

disso, se pode citar o romance de Laurence Sterne, *A sentimental journey through France and Italy*, cujo

(...) efeito foi reforçado, por um lado, por uma onda de crônicas de viagem e, por outro, por manuais que, mediante contínua atualização, deram lugar a grande número de edições, alcançando ampla difusão. De maneira em que as viagens já não permaneciam por muito mais tempo sob a égide das finalidades práticas, tais como fechamento de negócios [...]. Muito pelo contrário: os que adquiriam plena noção das possibilidades estéticas oferecidas por uma mudança de lugar, avaliando prévia e acuradamente as exigências práticas de uma existência ambulante, passavam a praticar a arte de viajar (SCHMIDT, 1987 [s.p]).

Dentro dessa mesma perspectiva, Boyer (2003) fala das “lentes cor de rosa”, através das quais os turistas de massa de hoje continuariam a olhar os locais por onde passam, fruto do olhar *inventado* pelos românticos do século XIX. O imaginário com “lentes cor de rosa”, gestado dentro de um ideário romântico, nasce em uma época em que “somente as pessoas de alta renda - ou quase - eram turistas. Todas as grandes estações termais, balneárias, de alpinismo (Chamonix, Zermatt), de inverno mediterrâneo, os grandes lugares que se deve conhecer - videnda ou sight-seeing - tem uma data de nascimento e muitas vezes bicentenários” (BOYER, 2003, p.25). Os guias – o Murray inglês, o Baedeker alemão e o Joanne francês – se encarregariam de alimentar a reputação desses lugares.

Quanto à forma literária desses textos, Jané (2002) apresenta a comparação entre as façanhas da Idade Média e os Textos do Renascimento que narram o descobrimento. Os primeiros deixaram marcas na literatura oral, nos romances e poemas épicos carregados de lenda. O segundo, por sua vez, com o desenvolvimento da imprensa e a generalização da língua escrita fazem com que sejam as crônicas e a história as encarregadas pelo registro dos acontecimentos. Frente ao exposto, pode-se dizer que teria sido a partir dos relatos de viagem que teriam surgido os guias, como variante das narrações que apontavam caminhos a serem seguidos, locais de interesse à visitação, onde comer, onde dormir, etc. Oficialmente, segundo Acerenza (2002), o primeiro guia de viagem teria sido o *Handbook of the trip*, preparado por Cook, o qual descrevia a viagem e que teria sido preparado de forma profissional e especialmente para os turistas, em função de uma excursão de Leicester até Liverpool.

Outra classificação para a literatura de viagens (no período que vai desde o final do século XVIII até metade do século XIX) é feita por Heradita, conforme aponta Jané (2002). A autora faz a classificação segundo as fontes utilizadas pelos *viajeiros*, em função da forma e do desenvolvimento da viagem e da identidade e profissão dos destes *viajeros*. A primeira é dividida em três grupos: 1) aqueles que não contam suas experiências próprias e recorrem a



experiências de segunda-mão; 2) *viajeros* que narraram suas impressões, fruto da experiência pessoal; e, 3) relatos de *viajeros* que combinaram sua experiência pessoal com mostra de erudição e dados extraídos de outras fontes.

A segunda classificação é dividida em três grupos: 1) viagem entendida como trabalho ou necessidade, em que os *viajeros* manifestam maior capacidade de observação e de aprofundar-se na realidade do país; e, 2) viagem entendida como ócio, em que o *viajero* aproxima-se mais do turista atual que “pasa sin ver nada” (JANÉ, 2004 p. 93). A terceira divide-se nos seguintes grupos: relatos de clérigos e missionários, relatos de militares, relatos de comerciantes, relatos de diplomáticos, relatos de viajantes profissionais e relatos de curiosos impertinentes. Além dessas três classificações, Jané (2002) ressalva que haveria uma quarta, a qual se faz em função da estrutura formal, segundo o qual os relatos dos *viajeros* se apresentam ou em forma epistolar ou em forma de esboços ou capítulos. Quanto a estrutura de conteúdo dos relatos, os mesmos podem ser do tipo cosmográfico ou aqueles que narram viagens por etapa. O autor chama atenção para o fato de que essas estruturas coincidem com as de épocas anteriores e confirmam novamente o caráter fragmentado dos relatos históricos de viagem.

3 APORTE TECNOLÓGICO

No momento contemporâneo os viajantes têm um acesso, sem precedentes na história, a uma variedade de tecnologias informacionais, que podem ser utilizadas em todas as fases da viagem, que começam a ser popularmente conhecidas como *travel-tech*⁷. O uso de tecnologias para facilitar e aprimorar as experiências de viagem são proporcionados não apenas por sites, mas também por aplicativos e dispositivos à disposição dos viajantes. Essas tecnologias podem ser utilizadas também nas três etapas do deslocamento: pré-viagem, viagem e pós-viagem.

A Comunicação Mediada por Computadores, as redes sociais, as comunidade virtuais, unidas no que Castells denomina de espaço de fluxos, propicia a divisão desses três estágios de forma mais clara e acessível ao Sujeito Turístico Contemporâneo, o pós-turista, como o denomina Molina (2003). Esse indivíduo possui o material necessário para Roteirizar sua viagem, com acesso a informações, serviços on-line de reservas de passagens, tickets,

⁷ <<http://www.traveltechnologyshow.com/en/Exhibitor-Home.aspx?>>; <<http://www.traveltrends.biz/>>; <<http://traveltech2000.com/>>; <<http://www.traveltechnology.com/>>; <http://www.economist.com/blogs/gulliver/2010/06/business_travel_gadgets>; <<http://traveltechnology.blogspot.com/>>



hotéis, referências de lugares (turísticos ou não, já que pode ter a indicação dos próprios moradores do Lugar sobre os espaços da cidade), cartografia georreferenciada dos lugares a serem visitados, demarcando assim, o primeiro estágio do Roteiro, a “viagem” (em sentido abstrato) em tempo e espaço virtual.

Na pré-viagem, ou seja, na fase de planejamento ou, como propomos denominar nesse estudo, a roteirização à priori, há sites como [kayak.com](http://www.kayak.com)⁸, tido como um dos sites mais completos e acessível na busca por opções para comparar preços de passagens aéreas, de hotéis, de alugueis de carros, de cruzeiros, de férias e até mesmo de pacotes. Há ainda o iPhone App, que possibilita a digitalização de pontos de interesse, tornando dispensáveis as listas em papel que normalmente se perdem. Para começar, os viajantes têm a opção de selecionar a lista de pacotes pré-construídos para uma variedade de viagens comuns ou começar do zero para construir a sua própria. As listas pré-definidas podem ser facilmente deletadas, da mesma forma em que qualquer lista pode ser guardada como referência para a viagem de retorno, como os todos os dados sobre a partida. Esse estágio é marcado pela criação do imaginário sobre uma localidade até o desejo de evasão. Dentro desse contexto, destaca-se o site [virtourist.com](http://www.virtourist.com)⁹ para pesquisa de informações básicas sobre o país de destino, acessar mapas de fácil leitura e até mesmo ver apresentações de slides de alta qualidade das cidades e locais que o Sujeito planeja ver mesmo estando longe. Embora esta forma de “turismo virtual” não possibilite a experiência de *estar no lugar*, esse site é uma ferramenta que pode auxiliar os viajantes na escolha de pontos de interesse.

Durante a viagem, as mesmas funcionalidades que fazem do iPhone um excelente *gadget*¹⁰ para gerir a vida em uma base diária também se aplica a viagens. Construído como um *Quadband*¹¹ *GSM smartphone*, o iPhone pode se conectar a redes de telefonia celular em todo o globo e mesmo o acesso de dados 3G, quando disponíveis, portanto não há necessidade de se preocupar em perder e-mails, textos, telefonemas ou mensagens Facebook enquanto estiver no percurso. Graças às suas ferramentas de localização de críticas, tais como rastreamento GPS, Google Maps, e uma bússola digital, no caso do 3GS, o iPhone é também uma excelente ferramenta para ajudar os viajantes a descobrir exatamente onde estão e navegar virtualmente em qualquer lugar; funciona também como um instrumento útil e

⁸ <http://www.kayak.com/>

⁹ <http://www.virtourist.com/>

¹⁰ Equipamento que tem um propósito e uma função específica, prática e útil no cotidiano. São comumente chamados de *gadgets* dispositivos eletrônicos portáteis como PDAs, celulares, *smartphones*, leitores de mp3, entre outros. Em outras palavras, é uma “geringonça” eletrônica (FONTE: Wikipedia.com)

¹¹ A vantagem de um *quad-band* é que ele vai funcionar em qualquer lugar do mundo em que exista uma operadora padrão GSM



câmera fotográfica de vídeo para documentar a viagem em uma embreagem e graças a uma biblioteca sempre crescente de aplicações, que tem potencial virtualmente ilimitado para fornecer aos turistas com qualquer informação ou entretenimento digital podem necessidade.

Em um segundo momento, a materialização da “viagem”, pelo deslocamento, tirando o roteiro do plano da abstração para sua empirização e, finalmente, com os relatos incitando imaginários, alimenta-se o campo simbólico, por meio de narrativas e fotografias. Essa periodização, por assim dizer, do roteiro em três etapas atribui o sentido de viagem no espaço de fluxos, à viagem pelo espaço de lugares, com retorno ao imaginário.

Na pós-viagem ou na roteirização à *posteriori*, tem-se os blogs como espaço para relatos de viagem, assim como o *Flickr* para compartilhamento de fotos da viagem, com amigos e familiares envolvido, pelo menos, até dois meses após seu retorno. Agora, na era da comunicação instantânea e fotografia digital, o Flickr é o melhor amigo de um guerreiro da estrada voltando. Além de ser um grande local de *backup* gratuito para fotos, fazer *upload* de imagens para o Flickr permite que os viajantes possam facilmente compartilhar fotos com qualquer um e todos de imediato. Além disso, também é um ótimo recurso para encomendar impressões ou a criação de livros personalizados e álbuns que podem ser enviadas à sua porta, a partir deles.

O computador e as demais tecnologias assumem o papel essencial para a materialização do roteiro turístico pós-moderno, mas vale resguardar que essas manifestações espaciais e temporais pós-modernas não anulam as demais práticas de pré-turismo ou do turismo industrial. Da mesma forma em que as novas percepções de tempo e espaço não são fruto do tempo homogêneo das tecnologias da informação, mas da experiência vivida por cada Sujeito. Essa discussão, no entanto, não se esgota aqui. É necessário uma análise mais detalhada e precisa, a partir da apreciação dos conteúdos desses tempos abstratos dos relógios.

Os blogs podem levar a repensar a necessidade de evasão a qual Jané faz referência ao falar em conhecer o que se tem mais adiante e de narrar sobre as viagens empreendidas. Isso pode ser observado em dois fragmentos do relato de Zeca Camargo no livro “Isso aqui é seu: a volta ao mundo pelos patrimônios da Humanidade”. O escritor, que já havia realizado uma primeira volta ao mundo¹² anteriormente, frente à proposta de realizar uma segunda, se coloca a seguinte questão: “por que dar outra volta ao mundo?”:

¹² A primeira volta ao mundo foi realizada pelo jornalista em 2004 também para uma série de reportagens do Fantástico. Zeca passou por dezessete países, sem contar com as conexões aéreas e os países usados como base de produção.

Uma já não estava bom? Que ambição – não, ambição é forte demais... Que impulso – não, impulso também não serve, parece inconseqüente demais... Que curiosidade – isso, curiosidade é bom – me faz buscar energias, ideias, recursos e entusiasmo para um projeto que aparentemente parece se encerrar em pouco tempo? (CAMARGO, 2009, p. 14).

A curiosidade a qual Zeca Camargo se refere está naquilo que move o espírito errante, explícito nos parágrafos seguintes: “essa foi justamente uma das razões que me fez querer dar outra volta ao mundo: a possibilidade de explorar novos territórios!” (CAMARGO, 2009, p. 15). Porém, a curiosidade que move os deslocamentos e, a narração dessas viagens, conforme já citando anteriormente, não é um ato do mundo moderno.

No momento contemporâneo, com a incidência das Tecnologias da Informação, as editoras de guias turísticos e mapas têm demonstrado interesse nas possibilidades permitidas a partir das novas tecnologias. Um estudo sobre viagens na União Européia, realizado por Slogget (1997) revelou que as grandes empresas de viagens e turismo e as organizações assumem um interesse crescente na tecnologia de satélite, e no desenvolvimento de Viagens, Lazer e Serviço de informações. O tipo de inovação no serviço de informação que eles desenvolvem fornecerá informações sobre um recurso e sobre a região, além de possibilidades de entretenimento, permitindo também transações comerciais.

Os blogs tendem a direcionar links para guias, mapas, conversor de moedas, dentre outros, como é o caso do “Blog do Viajante”¹³, que traz marcadores de Guias (*Frommers, LonelyPlanet, Rough Guides, Wikitravel*), mapas (*Google Maps, Google Earth*), conversor de moedas (*Gocurrency, Oanda, Yahoo Currency Converter*), o que facilita ao leitor interessado em planejar-se para suas viagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar roteiro turístico e buscar suas bases na história do Turismo revelou-se uma tarefa complexa frente à, primeiramente, insuficiência conceitual e, à ausência de pesquisas sobre a História do Turismo que trabalhem com dados primários (CISNE e GASTAL, 2010). Dentro do campo histórico, a referência mais abrangente e clara, por assim dizer, sobre o tema, está nas menções feitas aos Relatos e Guias de Viagem.

Dentro desse contexto, retoma-se De Botton (2003) e sua crítica à carência do pensar filosófico acerca do Turismo e, assim, neste estudo, propõe-se que o ROTEIRO TURÍSTICO PÓS-MODERNO seja pensado sob três planos de existência. O primeiro gerado pela EXPECTATIVA e

¹³ <http://www.blogdoviajante.com/>



pela CRIAÇÃO DO IMAGINÁRIO quando da motivação primeira excitada pela curiosidade e desejo de evasão, proporcionado, no mundo contemporâneo, principalmente, pelas Tecnologias da Informação, navegando, seguindo a lógica e a prática do *surfing* pelo cyber-espaço, no que se chamou aqui de Tecnologias do Imaginário, que dará ao Sujeito não apenas o *aonde* ir, transcendendo assim a indicação metódica de atrativos a serem visitados, mas lhe proporcionando reflexões sobre como e porque ir, já que esse roteiro é por ele (o Sujeito) elaborado, segundo seus anseios e desejos e, não raro, a partir de informações ofertadas pelos próprios moradores do local, troca possibilitada pelas comunidades virtuais em redes sociais.

Este artigo apresentou reflexões ainda em andamento sobre o tema. Buscou-se considerar os Relatos de Viagem em seu contexto histórico e no momento contemporâneo, com o aporte à Tecnologia e, conseqüentemente aos Blogs e também, ao *Flickr*, considerando ambos como forma de roteirização á posteriori. Abre-se com isso espaço para ampliação de debates dentro desse contexto. Pode-se afirmar, por hora, o Roteiro como Relato, oral ou escrito, ilustrado por mapas, fotografias e o legado deixado não só pelos caminhos percorridos, mas pelas trocas simbólicas, pelos fluxos alimentados, sejam esses fluxos de informação, de capital, ou mesmo pelo fluxo do deslocamento, ou como se convencionou chamar neste estudo, o ROTEIRO À POSTERIORI.

5 REFERÊNCIAS

- ACERENZA, Miguel Ángel. **Administração do turismo**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BALH, Miguel. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** (A era da informação): economia, sociedade e cultura) Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- JANÉ, Mariano Belemguer. **Periodismo de viajes**: Análisis de una especialización periodística. Comunicación social: ediciones y publicaciones: Sevilla, 2002.
- BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- BOYER, M. **História do turismo de massa**. Bauru: EDUSC, 2003.
- MOLINA, Sérgio. **O pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.
- SCHMIDT, Hatmut. **A arte de viajar**: Considerações sobre a primeira viagem de Goethe à Itália em 1786. [S.I]. [S.Ed], 1987.



YASOSHIMA, José Roberto e OLIVEIRA, Nadja da Silva. Antecedentes das viagens e do turismo. In: REJOWSKI, Mirian (org). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002 (Turismo).

6 REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BLOG DO VIAJANTE. **Blog**. Disponível em: < <http://www.blogdoviajante.com/>> Acessado em 25/02/2010

_____. **Flickr**. Disponível em: < <http://www.flickr.com/photos/blogdoviajante/>> Acessado em 28/02/2010.

CAMARGO, Zeca. **Blog**. Disponível em: <<http://colunas.g1.com.br/zecacamargo>> Acessado em 12/02/2010

PUBLICITÁRIA E VIAJANTE. **Blog**. Disponível em: <<http://publicitariaeviajante.blogspot.com/>> Acessado em: 25/02/2010

_____. **Onde NÃO se hospedar no Rio de Janeiro**. Publicado em 26 de março de 2010. Disponível em: <<http://publicitariaeviajante.blogspot.com/2010/03/onde-nao-se-hospedar-no-rio-de-janeiro.html>> Acessado em: 25/02/2010

_____. Onde ir e onde não ir em San Sebastian. postado em 4 de maio de 2010. Disponível em <<http://publicitariaeviajante.blogspot.com/2010/05/onde-ir-e-onde-nao-ir-em-san-sebastian.html>> Acessado em: 25/02/2010.

WIKIPEDIA. **Blog**. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>> Acessado em 20 de maio de 2010.

_____. **Flickr**. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Flickr>> Acessado em 20 de maio de 2010.